



# Keta, Moço!

Jornal Quinzenal – Distribuição gratuita na microrregião de Irecê-BA

## BOAS VINDAS

Surge o  
Keta, Moço!  
| Pg. 02

## ARTIGO

Jovens se rendem  
“A cultura do  
boteco” | Pg. 02

## ECONOMIA

Esmagadora de  
mamona vai  
agregar valor ao  
produto final  
| Pg. 04

## RECICLAGEM

Catadores de  
material  
reciclável mudam  
de vida em  
Irecê | Pg. 06

## EDUCAÇÃO

FACEL forma 97  
pedagogos em  
Lapão | Pg. 06

## AGRICULTURA

Vale a pena  
plantar milho e  
feijão? | Pg. 07

## MIRORÓS

Lideranças de  
Ibipeba se unem  
em defesa da  
barragem | Pg. 07

## O POETA SERTANEJO que sonhava com a escola



FOTO: PEDRO MORAES

A comovente história de Alfredo Rosendo, um lapoense de 89 anos, que em versos simples e singelos retrata suas memórias e o cotidiano do povo sertanejo | PG. 08



Carnalapão 2010, evento conhecido como o maior carnaval antecipado da Bahia | PG. 03



Mosca Branca invade lavouras da microrregião. Conheça as formas de combate | PG05



OPINIÃO

Jovens sertanejos crescem sem oportunidade de acesso à cultura. O álcool tornou-se a única forma de lazer. Está decretada a cultura de boteco.

# Cultura de Boteco

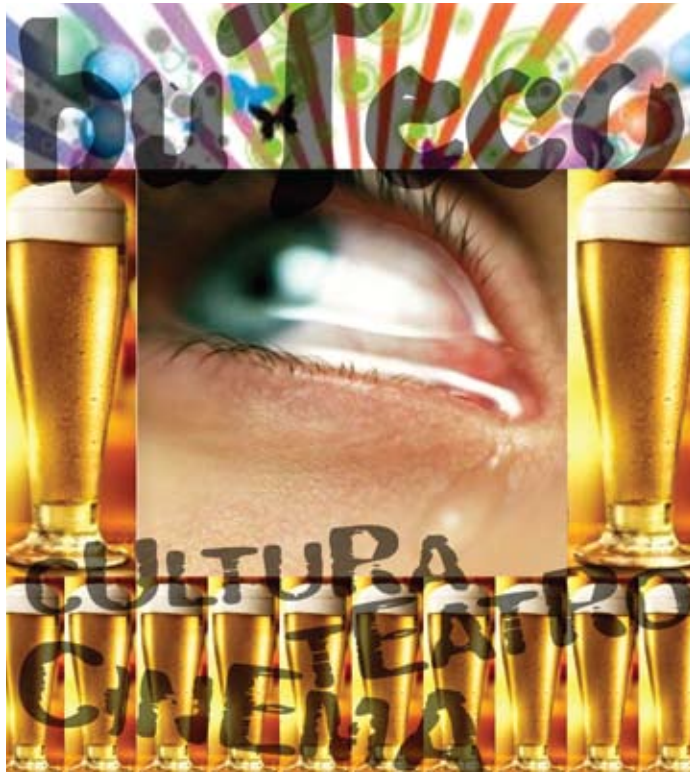
**SYLVIO LYRA**  
sylvioLyra@gmail.com

Chega o fim de semana e o que fazer? Encontrar com os amigos, assar uma carne e tomar uma cervejinha. Com certeza você já foi convidado ou organizou uma reuniãozinha desta. O que é muito divertido, quando não é a única opção.

O problema é que com a total falta de apoio dos governos, o jovem sertanejo tem-se habituado a aliar o lazer ao álcool. Uma cultura perigosa para os menos favorecidos e alienante para os que podem buscar outras alternativas, mas não o fazem.

A total falta de investimento do município em projetos que proporcionem opções de lazer cultural para esta juventude chega a ser odiosa. Mas, ruim mesmo é ter um administrador que em seu discurso - de mesa de bar, é claro - fala sobre a sua grande paixão pela música e pelas artes cênicas, mas nada faz. E o que é pior, se mostra um grande incentivador das "culturas de massa", raramente investindo em qualidade.

É preciso apresentar em praça pública a boa música, o cinema e o teatro que o povo nem sabe se gosta, por que não conhece. Lem-



bro de uma apresentação do pianista Arthur Moreira Lima, trazido pelo Governo do Estado, onde fiquei emocionado com a atenção e a educação da população durante a audição na Praça da Igreja, em Irecê. Dava pra ver que aquela música havia tocado muitos daqueles presentes, e que aquele tipo de música poderia fazer parte de suas vidas. Mas onde ouvi-las, meu amigo Zé?

Faço aqui uma sugestão: que a Secretaria de Cultura e Lazer faça jus ao seu nome e pare de investir apenas em lazer. Que ao invés de investir 1 milhão de reais nos festejos juninos, pegue 20% desse valor e entregue para sua diretoria de cultura para que ela corra atrás de pro-

jetos e consiga exibir filmes, apresentar peças e não só fazer eventos de cantoria e poesia. O auditório do Colégio Modelo pode ser um bom modelador para o tamanho e o formato das atrações a serem contratadas. Já é uma boa sala de exibição para começo.

Em tempo: não tenho nada contra uma cervejinha e um churrasco, mas acredito que a nossa juventude tenha o direito de optar entre um boteco e uma sala de exibição. Acredito também que, ao investir os 200 mil reais - lá do dinheirinho do São João - em cultura de verdade, a "cultura de boteco" irá evaporar feito álcool. Tim tim e saúde.

## O avanço da mídia em nossa região. Surge o Keta, Moço!

Como não poderia ser diferente, na semana em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, Alvina Alves nos surpreende com o lançamento do intrépido jornal "KETA, MOÇO!", que vem para revolucionar a mídia escrita em nosso meio. Como também não poderia deixar de ser, acontece a um só tempo em que sua criatividade empreendedora contempla os lapoenses com o acolhedor "Café Vinoca", um misto de "pub londrino" com ares de "café colonial catarinense", na paradisíaca visibilidade do seu "feudo" na Praça da Fonte, lugar de origem da "grande lapa".

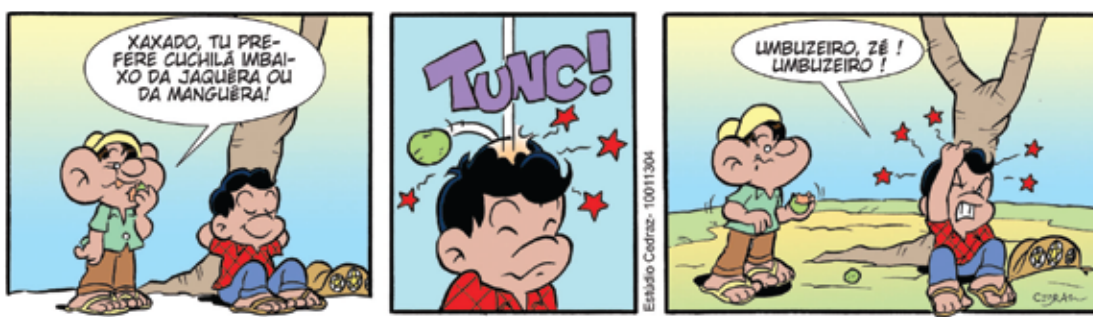
O novo periódico do território de Irecê traz na sua retaguarda jornalística o seu próprio filho, Pedro Moraes, um expert da comunicação, que com sua argúcia intelectual é também redator e diretor do recém-lançado veículo. O jornal, vem trazendo uma nova formatação e proposta no fazer jornalístico da nossa Região. Quero aqui, me congratular com esses empreendedores e ao mesmo tempo colocar-me às suas disposições para o amplo debate que através do jornal, poderá ser feito sobre o que a nossa região precisa neste momento, que é: "comunicar-se".

Vamos portanto, nesse novo espaço abrir a discussão para o fato de Irecê ter-se atrasado meio século na implantação de sua infra-estrutura hídrica, deixando que nesse espaço de tempo apenas surgisse a formação do lago de Mirorós pelas mãos de um defensor e batalhador incansável da região sanfranciscana - o saudoso Deputado Manuel Novaes. E também porquê ao longo de toda uma fase histórica não apareceram outras lideranças, para que, sobretudo em conjunto, nos fizessem galgar novos estágios de progresso.

Vamos falar também das nossas potencialidades e perspectivas de montagem, num futuro próximo, de um novo quadro econômico-social que poderá nos distanciar do avança-retraí tão cíclico que tem nos angustiando nos últimos tempos. De política ao esporte, da cultura aos aspectos do cotidiano, do esforço ingente de tantos personagens conhecidos, reconhecidos ou não, que fazem acontecer o Irecê e região dos nossos dias, de tudo isso e mais o que ainda está para acontecer, é o que vem nos trazer para nos enternecer na leitura do "Keta Moço!". Um abraço e nos aguardem.

**Hermenilson F. Carvalho**  
Prefeito de Lapão-BA

### Turma do Xaxado - Humbeto Cedraz



www.ketamoco.com.br

### Expediente: Jornal Keta Moço / Lapão-BA

Publicação Quinzenal da W&H Pesquisas, Promoções e Eventos LTDA.  
CNPJ: 02.994.292/0001-50 / IE 50606017847-83

Fundadora: Alvina Alves  
Jornalista Responsável e editor: Pedro Moraes (MTB/DRT-BA 2758)  
Colaboradores: Alvina Alves, Hermenilson Carvalho, Cida Haine, Jackson Rubem e Sylvio Lyra / Tira: Humberto Cedraz / Ilustração no cabeçalho: Gil Tócio  
Diagramação: Pedro Moraes / Web: Lucas Sérgio e Paulo Alves  
Revisora: Alina Haine / Fotos: Ivanilson Carvalho, Caio Vilena e Pedro Moraes



Seja Líder. Ligue (74) 3641-3619

AV ACM, 240A - Lapão-BA (74)3657-1106



ALEXANDRE PEIXE, TATAU, PIMENTA NATIVA E MOTUMBÁ AGITARAM TRÊS DIAS DE FOLIA

# Foliões esbanjaram alegria no CARNALAPÃO 2010

**PEDRO MORAES**  
peumoraes@yahoo.com.br

Foliões da microrregião de Irecê se reuniram no município de Lapão, entre os dias 05, 06 e 07 de fevereiro, para um dos principais carnavais antecipados do interior baiano, o Carnalapão 2010. O evento que foi agraciado por um público que não poupou energias, contou com apresentações de grandes nomes do circuito carnavalesco nacional, como Tatau, Motumbá, Pimenta Nativa, Alexandre Peixe e Saia Rodada Elétrica e atrações regionais, dentre outras, a Banda Fênix, Napegada, Neide Vital, Dgandaia, Selva Branca, Dalibamba e Madeirada.



Na sexta (05), com um público estimado em 30 mil pessoas, o evento não teve o tradicional desfile de blocos, porém o folião pipoca se esbanjou com a Banda Fênix que no trio mega líder preparou os ânimos para a principal atração da noite, o cantor

Tatau, ex-vocalista da banda Araketu que reviveu grandes sucessos, como “Toma Lá, da cá” e “Mal acostumado”.

O segundo dia (06) de folia do Carnalapão, começou no fim da tarde com o desfile do Bloco da Saudade, reunindo pessoas de todas as idades, fantasiadas ou com abadá que se agitaram ao som de grandes clássicos dos antigos carnavais, como as marchinhas “Mãe eu quero” e “Sassaricando”. À noite, o circuito que segue da Av. Bráulio Cardoso à Praça Nove de Maio foi palco para aproximadamente 40 mil pessoas. Neste dia, o bloco “Os Moitados” entrou em cena e levou para avenida a banda Pimenta Nativa, no palco, o cantor e compositor Alexandre Peixe, foi a principal atração.

A cidade teve seu maior público no domingo, onde milhares de foliões de outros municípios da microrregião, chegaram cedo no circuito, lotando os bares e barracas dinamizando a economia local. O último dia de folia, superou a marca dos 40 mil foliões, sendo marcado pelo desfile do bloco “BatFolia”, com a banda Obak, e dos “Moitados” que trouxe uma das atrações mais esperadas do evento, a banda Saia Rodada Elétrica. O evento foi finalizado com a apresentação contagiante do grupo soteropolitano Motumbá, que mesmo com o frio da madrugada, conseguiu aquecer os foliões.



MOTUMBÁ FECHOU O CARNAVAL COM CHAVE DE OURO



A TRADICIONAL COMEMORAÇÃO REUNIU EM MÉDIA 40 MIL PESSOAS POR DIA



LIDERANÇAS POLÍTICAS COMEMORAM AO LADO DE FOLIÕES



O CARNAVAL DA PAZ, LEVOU VÁRIAS FAMÍLIAS PARA AVENIDA

FOTOS: PEDRO MORAES E IVANILSON CARVALHO

**Confira a galeria completa desta festa em: [www.ketamoco.com.br](http://www.ketamoco.com.br)**



## BATE-PAPO NO CAFÉ VINOCA COM GENILDO GOMES, DIRETOR DA COAFT

# Esmagadora de mamona vai agregar de 20% a 40% no valor do produto

A cooperativa de agricultura familiar do território de Irecê vai gerir uma esmagadora de mamona em Lapão, que além de ofertar novas vagas de empregos, vai agregar valor no produtor final, intensificando a produção agrícola da microrregião. Saiba mais detalhes na entrevista abaixo:

**Alvina Alves:** Quais são os objetivos da COAFT (Cooperativa de Agricultura Familiar do Território de Irecê)?

xando de investir por conta própria assumindo riscos, prejuízos.

**Genildo:** É verdade. Onde imaginávamos que a COAFT geraria 16 empregos de técnicos? eles vão participar como se fossem funcionários terceirizados da Petrobrás, tendo a responsabilidade de atender a 100 famílias, que são parceiras diretas da Petrobrás. Esse projeto vai gerar empregos para engenheiros agrônomos e vai revitalizar as cooperativas. Vamos trazer dois técnicos do SE-

trutura bancária não vai aumentar o número de funcionários para atender. No dia 25 de novembro ficamos sabendo que o Banco do Brasil e o Banco do Nordeste não financiariam o PRONAF B, então, para resolver essas questões veio um assessor especial da diretoria do Banco do Brasil para uma reunião com a Petrobrás junto com sindicatos, pólo sindical, cooperativas, EBDA, sobre que forma viabilizar isso. Em regiões como parte de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e o sul do país, já operam com o CFC, que é um canal facilitador de crédito, se nós estivessemos dando essa entrevista em Santa Catarina, o produtor diria: Nenhum banco opera direto com o associado é a cooperativa que faz toda essa intermediação, ou seja, o produtor vai ao escritório da cooperativa e lá mesmo consegue se inscrever ou pegar o crédito devido para sua operação. Vale ressaltar, que o produtor não vai ficar desassistido em nenhuma etapa. Quando chegarmos a 20 associados, convidamos o gerente a vir à cooperativa ou levamos os produtores ao banco para o gerente entrar com a parte importante, ensinar para eles a importância do dinheiro, como aplicar e preservá-lo.

**Alvina:** O agricultor vai ter uma gestão do seu próprio negócio, vai saber quanto foi investido, quanto teve de lucro, quanto perderia se fizesse de um jeito, quanto ganharia se fizesse de outro. Tudo isso será bem informado através desse suporte que a cooperativa vai oferecer através desses outros convênios. Nós temos ainda uma política importante que a gente precisa rever que é a política de governo federal, isto porque nós tínhamos aqui o que você ou eu podemos chamar de mal necessário "usar atravessadores" e porque mal necessário? Porque deles advém o dinheiro, o recurso para o nosso agricultor que já estava fragilizado plantar, hoje, me parece que você já busca uma nova política, que é interceder pelo nosso produtor no mercado nacional.

**Genildo:** Hoje a Petrobras nos remunera com R\$0,20 por kg, para você bater a mamona na roça do produtor, levar o saco, pesar e transportar até o entreposto em Feira de Santana, onde

“ Com a mamona o produtor não está totalmente consciente, da responsabilidade e contribuição que ele pode oferecer para o planeta. Quando você soma mil quilos, com certeza já absorveu cerca de 400 kg de Co<sup>2</sup> ”

GENILDO GOMES

seria feito o esmagamento ou em Lapão a ser decidido. Então veja só, através das presidências de associações, pretendemos remunerar aquelas associações, que às vezes, o presidente da associação deixava escapar aquele produtor porque ele estava endividado com uma vendinha, ou porque a venda financiou antes dele entregar a compra da mamona, então o programa permite que 70% da produção seja feita diretamente do agricultor familiar, aqueles atravessadores que também compram da agricultura familiar, ele é um mal necessário, nós podemos comprar até 30% desse pessoal, mas queremos é fortalecer a estrutura da associação, ajudar o presidente da associação para que ele possa ir até seus associados, trazer aquele pessoal para vender por intermédio da associação que é a nossa parceira.

**Alvina:** Temos um potencial muito maior e a gente está perdendo para o oeste baiano, pois, percebemos o comprometimento e envolvimento que Luis Eduardo Magalhães e Barreiras têm na agricultura, na agropecuária e o quanto isso tem atraído investidores. Isso, nós não temos aqui na região. Precisamos atrair mais investidores, pessoas

que tenham mais compromisso para que possamos crescer no cenário nacional.

**Genildo:** A política de biodiesel das energias renováveis é uma coisa irreversível, a SHELL comprou uma grande usina de álcool, e porque ela compraria uma grande usina de álcool? Porque ela vai exportar álcool e vai usar 1% ou 2% na gasolina dos Estados Unidos e dá as suas contribuições para as emissões de Co<sup>2</sup> (gás carbônico). Com a mamona o produtor não está totalmente consciente, da responsabilidade e contribuição que ele pode oferecer para o planeta. Quando você soma mil quilos, que seja a semente, as folhas verdes, o caule, as raízes, tudo aquilo com certeza já absorveu cerca de 400 kg de Co<sup>2</sup>. Em 2008, a Petrobrás, comprou 300 toneladas de mamona na região, em 2009 compramos dezoito mil toneladas de mamona, já foi injetado 22 milhões na região esse ano, e a meta da empresa é comprar quarenta mil toneladas de mamona e investir algo acima de 60 milhões de reais aqui na região, mas na aquisição só, não é em outras coisas mais, então a gente precisa acordar para a nova realidade.

FOTO: PEDRO MORAES



**Genildo Gomes:** A cooperativa veio para agregar valor, trazer benefícios para os nossos produtores. Nossa meta é gerir uma esmagadora, um empreendimento ousado, só temos essa no Brasil, na unidade de Lapão. Foi um passo do prefeito Hermenilson, na época, como secretário do governo de Ricardo. Ele concretizou esse empreendimento que hoje, gira em torno de quase um milhão e meio, em investimentos de governo federal e mais 300 mil do governo municipal. Ela está pronta para operar, nós estamos agora na fase final apenas de teste e temos assegurado pela Petrobrás 30 toneladas para que seja iniciado o esmagamento. Para se ter uma ideia, um esmagamento, agrega de 20% a 40% de valor acima do seu produto, ou seja, se você vender uma mamona a R\$ 60,00, se você esmagar pode acrescentar algo em torno de 20% a 40% do valor final do seu óleo. Hoje nós temos um cliente em potencial que compraria até duas mil toneladas de nossa torta ou farelo de mamona.

**Alvina:** Com essa esmagadora, agora o produtor consegue ser um parceiro da Petrobras, dei-

BRAE para ficar dentro da cooperativa, porque sempre falamos: daqui a pouco estão roubando, desviando, e nós vamos ter dois técnicos do SEBRAE em tempo integral para cuidar da gestão e do associativismo. Nós não vamos ficar sozinhos, além de ter um conselho fiscal normalmente para fiscalizar, temos a Petrobrás que vai nos auditar semanalmente em algumas ações de nível técnico, quinzenalmente, em nível de coordenação técnica e mensal com a gestão da cooperativa.

**Alvina:** Então as associações deixam de estar isoladas, com pequenos projetos sem sustentabilidade, porque quando você se associa com vários municípios, une várias forças e o resultado logicamente para o nosso agricultor é bem maior. É preciso que caia a ficha do agricultor, para ele se associar e apostar na cadeia sucessiva do primeiro passo até o último para que ele possa se sentir em liberdade e depois até, conquistar a independência financeira. Por exemplo, já escutamos falar que vocês podem participar com o aval da cooperativa do Programa CFC. O que é o CFC?

**Genildo:** Nós sabemos que a es-

Aberto de quinta a domingo das 17 às 23h



Pça. Presbiteriana, 184, Lapão-BA



**AGRICULTURA - VÍRUS TRANSMITIDO PELO INSETO REDUZ EM ATÉ 80% A PRODUÇÃO**

# Superpopulação de moscas brancas assustam agricultores

**PEDRO MORAES**

[peumoraes@yahoo.com.br](mailto:peumoraes@yahoo.com.br)

Um inseto asiático, já radicado no Brasil, encontrou no clima quente e seco do semiárido baiano um ambiente propício para sua reprodução. A *Bemisia Argentifolii*, conhecida popularmente como mosca branca, tem cor pálida, mede aproximadamente 2 mm e produz em condições favoráveis de 200 a 400 ovos por ciclo de vida que dura aproximadamente 19 dias. Por ter uma disseminação rápida, a superpopulação deste inseto têm assustado os moradores e agricultores da microrregião de Irecê. É o caso da estudante Ana Paula, 21, que afirma nunca ter visto o inseto e ficou preocupada com a situação. “Ouvia falar nos jornais sobre ataques de mosca branca nas plantações, mas nunca tinha visto. Agora encontro elas dentro de casa, no quintal e em todos os lugares”. Especialistas na área esclarecem que apesar da desagradável presença, elas não geram riscos para a saúde humana, porém é uma vilã de peso para as plantações.

O agricultor Clóvis Gaspar de Souza, plantou feijão no povoado de Lapão, Eliseu, e comenta que a mosca branca foi dura com a lavoura. “O feijão que estava grande não teve problema, mas o mais novo perdeu quase todo”, disse Clóvis Gaspar.

De acordo com o engenheiro agrônomo da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), Eduardo Dourado, a principal prejudicada com os malefícios da mosca branca, é um tipo de planta chamada cucurbitácea que engloba alguns frutos conhecidos em nossa culinária, como abóbora, melancia, melão e pepino. “Como dano direto, ela suga a seiva da planta, que seria um tipo de sangue do vegetal onde passa os nutrientes, assim, o vegetal fica debilitado. No toma-

te, por exemplo, a mosca injeta uma toxina que deixa o fruto esponjoso, semelhante a um isopor. Ela também coloca uma excreção preta que deprecia o valor comercial do produto”, explica Eduardo.

Os malefícios, no entanto, não param por aí. Eduardo Dourado, ainda afirma que o inseto traz danos indiretos para as lavouras, porque ele é um vetor de viroses que atinge outras culturas agrícolas, é o caso do vírus mosaico dourado, que chega a diminuir em 80% a produção do feijão e soja. No caso do tomate, um dos maiores prejudicados com o hospedeiro, a mosca branca deixa o geminivírus, que traz de 40% a 70% de perdas no plantio. “Quando os vírus atacam as plantas quando estão pequenas, elas deixam de produzir, porque o crescimento é paralisado, quando atacam na planta adulta a produção tem quedas consideráveis”, diz Eduardo.

O engenheiro agrônomo da Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia (ADAB), Joiram Souza Mendes, esclarece que um dos motivos para que o inseto se multiplicasse no município é decorrente de um cultivo inadequado nas lavouras da região. “Os produtores plantam o tomate muito próximo um do outro e isso cria uma sombra, que favorece a multiplicação e dispersão da mosca branca. Presenciamos também o aumento da jardinagem dos parques e praças que auxiliam na multiplicação do inseto.”



**PRAGA CONHECIDA COMO MOSCA BRANCA TEM ATACADO AS PLANTAGENS DA REGIÃO**

## Como combater?

A forma tradicional de combate dessa praga do campo é realizada com defensivos agrícolas, conhecido como agrotóxicos, contudo, Joiram Mendes alerta que “o uso incorreto do agrotóxico, pode piorar a situação e tem dificultado a ação dos inimigos naturais da mosca branca como os fungos que se alimentam dos ovos, das ninfas (mosca na fase jovem), da mosca adulta, e do bicho lixeiro”, um inseto predador que ataca uma variedade de pragas responsáveis por destruir as lavouras. Joiram, ainda comenta que as novas gerações da mosca branca estão ficando resistente a grande parte dos agrotóxicos.

Por estes motivos, Eduardo Dourado, afirma que a falta de capacitação dos agricultores e operários que manuseiam os agrotóxicos (aplicadores), também é um problema grave que precisa ser resolvido. “O ideal seria uma produção orgânica sem o uso desses defensivos, mas com a atual tecnologia, esse modelo agrícola não está pronto para produzir em grande escala, fazendo necessário o uso de defensivos. Porém, isso tem que ser feito de forma responsável, utilizando os agrotóxicos corretos

para cada tipo de produção e capacitando os aplicadores para que eles utilizem os instrumentos de segurança e manipulem o defensivo corretamente para não contaminar o meio ambiente”, diz o engenheiro agrônomo.

### Formas alternativas:

Diversos métodos de cultivo podem ajudar no combate à mosca branca. Joiram indica que “as plantações devem ser realizadas com um espaçamento maior, quebrando a arquitetura de plantio. Desta forma, vai penetrar mais vento e sol, combatendo a mosca. Uma outra tática é plantar em épocas não favoráveis, no meses mais frios, por exemplo, com o clima desfavorável, o inseto ataca, mas não na proporção que tivemos no verão. O produtor também deve investir em espécies tecnicamente melhoradas, resistentes ao vírus propagado pelo inseto e ficar atento também com as ervas daninhas, e retirá-las constantemente, porque são locais que facilitam a reprodução”.

O engenheiro da EBDA, Eduardo Dourado, diz que uma alternativa utilizada em Goiás vem trazendo bons resultados e pode ser utilizada na região.

“Eles têm um calendário de cultivo que segue por no máximo seis meses e o produtor não pode fazer um plantio escalonado por mais de 60 dias. Assim eles quebram o ciclo do inseto”.

Os especialistas orientam aos produtores que além dessas dicas de cultivo a eliminação dos resíduos da colheita são fundamentais para controlar a disseminação da praga. Eduardo Dourado explica que “quando acaba o ciclo do plantio muitos dejetos são deixados na lavoura e as ervas daninhas continuam vivas, e como o produtor deixa de realizar o controle químico a tendência é que o ambiente seja propício para a disseminação do inseto, então aconselho os produtores a eliminar os restos da cultura, queimando assim que o ciclo de plantio finalizar.” Apesar de reconhecer a eficiência da técnica e defender a eliminação dos resíduos da colheita, Joiram afirma que não gosta da alternativa de queimar, “embora seja muito eficaz, ela não é ecologicamente correta, depois do cultivo, o produtor pode arar a terra e enterrar, assim ele acaba com a proliferação da mosca branca e ainda melhora o solo”.

Água mineral com garrafão: R\$ 10,00

 **LIQUIGÁS**  
Lapão

 **PETROBRAS**

(74) 3657-1106 / 9971-3636



**RECICLAGEM: ALÉM DE AJUDAR O MEIO AMBIENTE, ELES GANHARAM UMA RENDA FIXA**

# Catadores de Irecê encontram nas ruas a fórmula para mudar de vida

Catar material reciclável é uma opção viável para enfrentar o desemprego nos grandes centros urbanos e municípios do interior. Mesmo com um trabalho duro, pessoas como Givanilton, Ronaldo, Joabe, Jaqueline e Valci têm orgulho do que fazem e colocam a mão no lixo para retirar papel, plástico, ferro e alumínio, transformando-os em emprego e renda.

Há cinco anos, Givanilton Silva Evangelista, começou no ramo, ele conta que trabalhava no aterro sanitário de Irecê, até surgir a ideia de criar uma cooperativa. “No lixão era bom, mas criamos a COORECICLA que nos ajudou bastante. Hoje tenho uma renda fixa que varia de R\$ 200 a R\$ 250 por mês, que já dá para ir tocando a vida”. Givanilton trabalha na cooperativa com a esposa Jaqueline Costa da Silva, que além de catar material com o marido é a responsável por limpar o espaço de trabalho dos cooperados. “Não tem trabalho melhor que esse, cato todos

os dias lixo reciclado e moro aqui na cooperativa, não pago aluguel. Juntando o meu salário com o de meu marido dá para cuidar de nossos dois filhos”, comenta Jaqueline.

Joabe de Jesus trabalha desde criança na atividade, meio cigano, como ele gosta de se definir, diz que por todas as cidades que passou sofreu por algum tipo de preconceito, mas com muito orgulho, afirma, “tem muita gente que me olha com cara feia, mas não conheço nada mais rico que o lixo. Agente não investe, só faz ganhar, o lixo é rei! É de lá que tiro meu sustento, coloco minhas mãos nas lixeiras e faço meu trabalho com orgulho para não precisar pedir nenhum copo de água a ninguém”.

Os catadores vendem o material coletado em ferros-velhos ou em empresas especializadas. Para isso, o lixo é prensado, depois amarrado em fardos, que pesam em média 120 kg, para serem comercializados por: R\$ 0,07 o kg do papelão, R\$



FOTO: PEDRO MORAES

**RONALDO ASSIS PRENSA O MATERIAL E DEPOIS AMARRA, RECEBE EM MÉDIA R\$ 300,00**

0,50 o kg do ferro e R\$ 0,10 do plástico.

Ronaldo Assis é um dos responsáveis na COORECICLA por prensar o material coletado, segundo o cooperado, foi com esse emprego que ele conseguiu a estabilidade de um trabalho, “fazia bicos como pedreiro, mas

trabalhava apenas uma semana ou duas. O salário era incerto, agora não, todo fim de mês recebo por produção de R\$250 a R\$300”. Na mesma situação vivia Valcir Santos, o ex-lavrador disse que perdia muitas safras, e era difícil para pagar as contas no fim do mês pela inconstância

de uma renda. “Não me arrependo de ter largado as lavouras. O começo como catador foi difícil, hoje já conheço todo mundo, tem dono de mercadinho que guarda papelão e latinha para mim e já recebo até R\$ 400. Minha vida mudou bastante”. (PEDRO MORAES)

## FACEL forma primeira turma de pedagogos em Lapão

FOTO: IVANILSON CARVALHO



**PARCERIA ENTRE A PREFEITURA E UNEB QUALIFICA PROFESSORES DA REDE DE ENSINO**

Em uma solenidade marcada pela concretização de sonhos e muita emoção, a Faculdade de Educação de Lapão (FACEL), formou sua primeira turma de pedagogia, trazendo para a microrregião de Irecê 97 novos educadores. A festividade aconteceu em dois dias (26 e 27), no Parque municipal, sendo o primeiro, dedicado à cerimônia de colação de grau, e o segundo, com o tradicional baile de formatura.

Além de centenas de amigos e familiares, compareceram diversos docentes da UNEB e lideranças políticas, como a deputada federal Alice Portugal (PcdoB), vice-presidente da comissão de educação na câmara dos deputados, que realizou um

discurso marcante, enfatizando o papel de transformação social da educação e o compromisso de mudanças que os formandos adquiriram. Além do prefeito de Lapão, Hermenilson Carvalho, paraninfo da turma, também prestigiaram o evento, vereadores do município e o prefeito de Irecê Zé das Virgens.

O evento foi o ponto culminante de uma parceria, que efetivamente teve bons frutos, entre a Prefeitura Municipal de Lapão, com o campus XVI da UNEB de Irecê, criando a FACEL, a instituição responsável por capacitar os novos pedagogos, que já trabalhavam na rede municipal, ministrando aulas nas séries iniciais.



## Ainda vale a pena plantar feijão e milho?

A região de Irecê está passando por uma situação difícil, onde a cada ano os agricultores ficam mais pobres e endividados, fazendo com que muitos desistam de suas roças. Estamos mergulhando em uma era agrícola em que produzir não significa muita coisa. Principalmente produzir para ganhar dinheiro. Atualmente, apesar de não ter tido safra em nossa região, a saca de milho estava sendo comercializada por míseros R\$ 18,00 e o quilo de feijão até R\$ 1,20. Estes valores não cobrem os custos de produção, principalmente no caso do milho. E se houvesse uma supersafra, por quanto os agricultores venderiam seu feijão e milho? Provavelmente muitos deixariam perder na roça, como aconteceu no ano passado. Nem mesmo dando “na meia” não se encontra quem queira colher.

A irrigação durante longos anos serviu de esperança para um futuro melhor, mas, diante das secas constantes e da falta de água nos poços, fica difícil planejar um futuro.

Diante de tantas adversidades, a escassez de chuvas, da falta de água nos poços, dos riscos de desvalorização do produto, o agricultor ainda convive com o aumento constante dos índices de assaltos. Bandidos chegam, tomam tudo e vão embora curtir o produto roubado. Trata-se de “cidadãos” que contam com uma legislação que apoia seus atos. Se um deles for preso, SE FOR, fica no máximo algumas horas, pois sempre haverá alguém defendendo seus direitos. Enquanto isso, o agricultor fragilizado, perdeu seus implementos e dificilmente poderá comprar outros. Está na hora dos que tem o poder de agir fazerem jus aos votos que receberam.

**JACKSON RUBEM**  
jrubem@gmail.com  
www.obrasileirinho.com.br



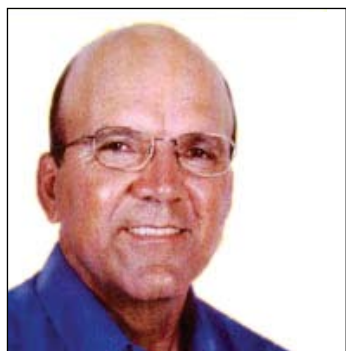
“Conheço os problemas e sofrimentos que minha população tem passado. Participarei de qualquer movimento pacífico em busca da preservação desta barragem tão importante para toda região de Irecê”.

**PREFEITO NEI AMORIN**

**IRRIGANTES E MORADORES DO MUNICÍPIO ESTÃO SE SENTINDO INJUSTIÇADOS COM A CRISE NA BARRAGEM**

## Unidos em defesa de Mirorós

A população de Ibipeba e os vereadores do município (oposição e situação), atenderam a solicitação do prefeito, Nei Amorim, e se uniram para criar um movimento regional com o objetivo de pressionar às autoridades governamentais para que seja resolvida com máxima brevidade a problemática da barragem de Mirorós, que abastece o território e se encontra com níveis de água bem abaixo que o ideal. Com esse objetivo, representantes políticos do município, convocaram a UNIP (União das Prefeituras do Platô de Irecê), através do seu presidente Ezenivaldo Alves Dourado (atual prefeito de Canarana) e demais prefeituras que utilizam as águas de Mirorós, para acompanhá-los em viagem à Brasília, e apresentarem uma solicitação para aceleração das obras de transposição das águas do rio São Francisco para a barragem. O edital de licitação para o começo das obras já foi publicado. Para a primeira etapa, está previsto R\$ 76 milhões de investimentos, para 42 km da adutora.



“Os prefeitos da região, principalmente os que usufruem da barragem, devem fazer uma pressão para que o presidente Lula conheça o problema de perto, para que ele tome as possíveis resoluções”.

**VICE-PREFEITO**  
**AILTON SOARES**



“Vamos à Brasília, para solicitar aos governantes iniciativas imediatas, quero pedir o apoio a população e políticos da região, precisamos de ajuda. Se chegar em junho e não ter água, nos vamos trancar as torneiras”.

**VEREADOR: LOBÃO**



“Nós estamos injustiçados com as estradas, com a água, somos humanos, temos sentimentos, a região tem mais de 300 mil habitantes e eles lá em cima não estão nos olhando, cumprimos nossos deveres e queremos que eles cumpram os deles”.

**VEREADOR NINO**



“Peço a Zé das Virgens, que venha conosco para somar, precisamos transportar as águas do Rio São Francisco para resolver o problema. Se for o caso, vamos ter que fechar por dois ou três dias as torneiras para tentar sensibilizar a região”.

**VEREADOR JOÃO DE DEUS**



“É inadmissível que outros municípios, em sua totalidade, sejam abastecidos por Mirorós enquanto estamos sem. Os produtores realizaram um investimento alto gerando emprego e renda. Depois disso a irrigação será cortada?”

**VEREADOR JÚNIOR**



“A chuva artificial não foi favorável e isso preocupa não só os irrigantes e sim toda população. A transposição de águas do Rio São Francisco precisa ser realizada com urgência.”

**VEREADOR**  
**ZÉ DE SÃO TOMÉ**



“Se tivéssemos há mais tempo, uma política voltada para unidade, com todos os prefeitos, vereadores, já estavam em outro ponto. Convoco a toda população e políticos da microrregião para se unir por essa causa.”

**VEREADOR WILLIAN**



“Mais de 50% dos nossos povoados estão sem água de Mirorós e temos municípios vizinhos com 100% de abastecimento. Esse é um retrato de quando tínhamos água em abundância, imagina agora com a escassez?”

**VEREADOR AURÉLIO**



PERFIL - “SE NÃO FAÇO UM POEMA MELHOR / É PORQUE NÃO FREQUENTEI A ESCOLINHA”

# A simplicidade e ternura da poesia regional de “Seu Alfredo”

**PEDRO MORAES**  
peumoraes@yahoo.com.br

As gotas geladas de uma suave garoa tocam suavemente na terra seca e árida, em um fim de tarde em que o chão quente do semiárido agradece aos céus pela benção de encontrar com sua fonte de energia, exalando assim, o cheiro de terra molhada, sinônimo de prosperidade na vida do sertanejo. O São João, árvore típica da biodiversidade local, abre suas flores, amarelas feito ouro, provando para quem duvidar que a beleza surge no improvável. Em torno deste cenário, que flerta entre o belo e a simplicidade, encontro seu Alfredo Rosendo, um lapoense de expressão forte, alto, de voz firme e corpo esguio, com 89 anos de histórias, causos e lições de vida. Em uma casa antiga, feita com as próprias mãos, “Seu Fredo” como é carinhosamente conhecido, mora em companhia de ilustres convidados: a música e poesia.

O cheiro do café passado na hora abre as portas para uma longa conversa sobre a vida, sonhos e a arte, despertada em 1985, quando seu município de origem, Lapão-BA, tentava se emancipar. Em versos simples, de um homem que nunca foi à escola, Fredo foi de encontro aos velhos coronéis da terra e declamou com garra e coragem a seguinte estrofe: “Deixa de tanta promessa/ deixa de tanto esperar/ agora chegou a vez/ de Lapão emancipar. Lapão já foi muito atrasado/ só quem viu sabe contar / Só

tinha duas escolas, mesmo assim particular/ Hoje, o Lapão já conta, no setor da educação / Com um dos melhores colégios da microrregião. Lapão tem um povo hospitaleiro / Isso eu não nego / só faz muito fuxico na época da eleição / deixa de tanta promessa/ deixa de tanto esperar/ agora chegou a vez/ de Lapão emancipar”.

De acordo com Alfredo, na época, algumas famílias tradicionais reuniram 500 assinaturas em um manifesto contra a emancipação. “Eles alegavam que a cidade era a ponta da rua do município de Irecê, mas eles tinham interesses pessoais por trás disto, achei que não tava certo, porque Lapão já estava desenvolvida, foi então que tive a vontade de fazer meu primeiro verso e dei uma chicotada neles”.

Frequentar uma sala de aula foi o maior sonho do poeta sertanejo, porém os tempos difíceis da época de criança não deixaram sua aspiração virar realidade. Apesar de não poder ir à escola, sua vontade era maior que a maioria dos obstáculos. Com uma “banda” de toucinho de um porco gordo, doado pelo seu avô, foi para cidades vizinhas vender a mercadoria. Ao todo conseguiu 200 réis, dinheiro suficiente para comprar um livro ensinando a arte do ABC. “Quando meu avô trouxe o livro, só fui dormir quando aprendi a primeira carreira de letra, gravei até o ‘é’, depois fui tocando meus estudos para frente. Em quinze dias, já sabia ler. Meu avô morreu na grande crise de 32, e fomos trabalhar numa roça que

só tinha onça e caititu. Lá, passei de inteligente e fiquei conhecido por fazer um cavaquinho com uma faca com apenas 12 anos, ficou tão bom que muitas pessoas quiseram comprar, acabei ven-

ta vontade, mas fiquei só na vontade. Minha mãe era viúva e tinha seis filhos, ela me dizia: ‘Vamos plantar um algodão se a lagarta não comer compro sua farda, e você vai para escola’, mas foram

ck Soriano, Vicente Celestino e Alvarenga e Ranchinho”.

Alfredo casou a primeira vez com 16 anos, teve dois filhos e ficou viúvo. Ainda jovem começou a labuta. Após a vida



“NÃO LEIO CANTANDO COMO UM FORMADO, MAS GRAÇAS A DEUS NÃO SOU CEGO”

dendo para comprar uma roupa bem bonita que fazia tempo que não tinha”.

Apesar do esforço, o garoto promissor ainda não sabia escrever até que a noiva do tio questionou: “Você já sabe fazer seu nome?” triste e envergonhado ele respondeu: “Não”. Foi então que a jovem segurou em sua mão e com um toco de madeira riscou o nome do menino para ele copiar. “Fiquei muito feliz, gravei aquilo e nunca vou me esquecer, saí correndo para mostrar a todos, mas muita gente não acreditou. Meus parentes só acreditaram de verdade quando a moça chegou e confirmou tudo. Sonhava tanto em aprender que quando ia comprar alguma coisa montado no lombo de um jumento, passava por perto da escola, amarrava o animal e ficava ouvindo eles aprenderem e passava a tarde toda. Quando chegava em casa minha mãe questionava você foi no Lapão ou no Japão?”, lembra o poeta.

Infelizmente, a vontade de aprender chocava com a dura realidade e o sonho de frequentar as salas de aula para se tornar “um homem letrado” se tornava cada vez mais distante. “Foi mui-

anos duros, a região passava por uma seca danada, sobrevivíamos com cuscuz de mucunam, que é um caroço vermelho e venenoso, mas colocávamos de molho, quebrava a casca e tirava uma folhazinha que tem dentro e moía. Então, realmente, não tinha como estudar e chorava que as lágrimas desciam. Fiz até um verso que é mais ou menos assim: Na idade de dez para onze anos / sorri pouco porque a coisa era muito feia / só comia um alimento que não era do mato / se fosse em casa alheia”.

“Hoje sei escrever um pouquinho e fazer umas continhas. Não leio cantando como um formado, mas graças a Deus, não sou cego”, ele diz. Mas, nem só de poesia se inspira Alfredo, o poeta sertanejo, que também “toca uns tozinhos” para se divertir. “Comecei a tocar com 12 anos, na época que fiz o cavaquinho, via meu tio fazendo uns tons e fui aprendendo. Logo as pessoas me chamavam para bater uma sanfona e tocar violão, mas hoje é só para se divertir em casa. Toco umas músicas de igreja, uns sambinhas e uns sucessos de Amado Batista, Waldi-

do campo, trabalhou durante 40 anos como barbeiro e marceneiro e conta orgulhoso que todo serviço era feito com prazer. “Gostava quando cortava o cabelo e o cliente exigia o corte e qualidade no serviço. Se fosse fazer um móvel, fazia com todo capricho, escolhia sempre uma madeira boa e buscava a perfeição. Fiz móveis que até hoje nunca descolaram uma placa. Ganhei fama por aqui, o povo comentava: ‘Esse é bom no machado’”.

Apesar de nunca ter lido um livro de poesia, os versos de Alfredo brotam com naturalidade. Com uma linguagem regional, rica em detalhes e lembranças de um povo sofrido e lutador, o poeta sonha em publicar seus versos, já impressos artesanalmente, feito cordel, e distribuído na cidade. Porém, esse almanaque vivo, simples, inocente e sábio, precisa de apoio para imortalizar suas lembranças, seja para falar de um sorriso de uma criança, uma gameleira ou de uma gruta, Alfredo deseja publicar um livro, e contribuir para deixar escrita na história a riqueza e a poesia do homem do campo.

